Senador MOACYR DUARTE

JOSÉ AUGUSTO & CÂMARA CASCUDO

, duas legendas

9
73j
35
F000042

BRASÍLIA - 1985

FARN

Senador MOACYR DUARTE

1 — Discurso pronunciado na sessão do dia 19-10-1984, do Senado Federal;

2 — Discurso pronunciado na sessão do dia 6-11-1984, do Senado Federal;

BRASÍLIA — 1985

FARN

Discurso Pronunciado na Sessão do dia 6-11-1984, do Senado Federal

Luís da Câmara Cascudo

FARN

O SR. MOACYR DUARTE (PDS — RN. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

O Rio Grande do Norte está em festa cívica durante o mês inteiro, quando se comemora, neste ano de 1984, o centenário do nascimento do líder incomparável e autêntico estadista, cujo nome o país reverencia, como símbolo do parlamentarismo e da democracia: José Augusto Bezerra de Medeiros.

Sua vida e sua obra demarcam a história política potiguar, sobretudo na primeira etapa republicana, e encarna a própria República em sua consolidação, reestruturação, queda e ascensão.

Nascido a 22 de setembro de 1884, na cidade de Caicó, neto do Senador José Bernardo que foi Secretário desta Casa e signatário da primeira Constituição republicana de 1891, José Augusto trazia no sangue, na genealogia e na consciência formada em ambiente de escola política e de corrente de pensamento, filosofia e ideologia, a vocação para a vida pública que nele se alcandorou a um apostolado e uma religião.

Digo Escola Política porque, por todo este século, Caicó tem sido, por destinação histórica e geográfica, o epicentro de toda a vida cultural e social do Rio Grande do Norte, com irradiação para o Brasil. De lá vieram, dentre tantos, o Senador Brito Guerra, o Senador José Bernardo, o jurisconsulto e Ministro Amaro Cavalcanti, o civilista Juvenal Lamartine, o parlamentarista José Augusto Bezerra de Medeiros, o democrata e liberal, patriota e revolucionário Dinarte Mariz, que tenho a honra de suceder nesta Casa, e sobre quem disse o escritor e biógrafo Nilo Pereira, que era um "homem aberto ao diálogo e de bom temperamento, afável e democrático".

José Augusto foi, realmente, um talento político invulgar e lendário, e dotado de extraordinária vocação de homem público. Pertenceu ao Poder Judiciário, onde foi Juiz de Direito; ao Poder Executivo, onde foi Governador do Estado; e ao Poder Legislativo, onde foi Senador e Deputado por várias legislaturas.

O Legislativo era sua maior vocação. Nele realizava seu destino de advogado das grandes causas humanas e sociais, de acusador, permanentemente verberando o descaso e o abandono secular do Nordeste; enfim, um servidor do povo, sempre pronto ao gesto que desperta a

solidariedade, que cria o amor, e que faz irromper a flor da amizade instantânea e recíproca com um simples e mágico toque de mão.

Seu imenso talento se loteava em diversos módulos e incontáveis províncias do saber, para usar uma de suas expressões; educador, ensinava com as idéias, a palavra e o exemplo; estudioso da História; pesquisador dos assuntos sociais; debatedor dos problemas da estiagem; teórico dos sistemas políticos e das teses de Direito Constitucional; etnólogo e biógrafo dos costumes, dos vultos insígnes e das famílias pioneiras que fundaram, plasmaram e cristalizaram as civilizações e os clãs provincianos; orador de massa, notável conferencista acadêmico e ardoroso polimista parlamentar; enfim, José Augusto, fundando partidos, Partido Popular Estadual e União Democrática Nacional, erigiu, com a energia e a argamassa do seu talento militante e criador, um monumento que demarcou a idade áurea da inteligência no Rio Grande do Norte, voltado para a disseminação da cultura e do saber. Se Alberto Maranhão foi chamado o Mecenas potiguar pelo amparo às artes, José Augusto pode ter sido o grego, que à semelhança do "século de Péricles", alargou as fronteiras culturais do Estado.

Basta que se diga que, segundo as estatísticas oficiais da época, no seu governo, o Rio Grande do Norte se colocou em segundo lugar, logo depois de São Paulo, em crescimento das atividades educacionais. E mais, no campo da educação política, o seu governo teve a láurea de ser o pioneiro na tese da extensão do direito de voto à mulher, e o Rio Grande do Norte liderou no Brasil, e este na América do Sul, a luta pela conquista do direito do voto feminino, implantado definitivamente no governo seguinte de Lamartine, sendo José Augusto o primeiro parlamentar a ser votado por mulheres.

José Augusto foi o primeiro Senador e Lamartine o primeiro governador a serem votados, em 1928, por sufrágios femininos, tendo o Senador obtido 15 sufrágios.

Outro ângulo fascinante dessa personalidade invulgar foi o seu relacionamento especial, sua convivência diária com a imprensa, amigo e incentivador de todas as vocações jornalísticas, de tal sorte que, em Natal, despachava mais na redação do jornal *A República,* do que nos próprios salões do Palácio. Porém, o de que José Augusto mais se ufanava era de ser um parlamentar. E foi com brilho, presença e atuação inexcedíveis. Há deputados que se destacam mais no plenário, outros nas comissões, alguns nas articulações, muitos nas conversas de gabinetes. José Augusto foi presença constante e marcante tanto nas tribunas, que guardam como os búzios marinhos a ressonância de sua ação parlamentar, onde pontificou como mestre, professor de cultura política e doutrinador de lições de democracia, quanto nas comissões, na Mesa dos trabalhos ou nas reuniões de bancadas e de lideranças. Era notável como estrategista na condução de votação ou na interpretação regimental, tanto quanto nas polêmicas sobre os magnos problemas nacionais, e até nos necrológicos em que cul-

FARN

tuava, na evocação e na apologia dos mortos, o exemplo e as lições do memorialismo político.

Um dos seus ilustres discípulos, o escritor Nilo Pereira, seu aluno no Colégio Estadual (Atheneu), escreveu o livro "José Augusto B. de Medeiros — um democrata", a mais recente e brilhante biografia de José Augusto, que destaca o modelo e o artista. Ontem, tive a honra de entregar aos leitores o livro póstumo do Senador Dinarte Mariz, primo, companheiro e seguidor de José Augusto, que tem o título "José Augusto — o Líder", no qual focaliza aspectos vivos da existência do sempre lembrado político potiguar, que criou uma escola, fez um estilo e marcou uma época.

O livro de Dinarte, ditado às pressas, no leito do hospital de onde saiu para a morada derradeira, sob o guante de dores lancinantes que a moléstia incurável provocava, é uma evocação admirável, humana e fraterna, do convívio íntimo e da identidade de sentimentos e idéias que uniam irmãmente os dois líderes inseparáveis. Dinarte evoca, com ênfase especial, a figura de José Augusto como político atuante nas campanhas partidárias, nos comícios e nas batalhas de rua, apaixonantes e cruentas, que caracterizavam as lutas de um passado tempestuoso e com tintas de barbárie e selvageria. Aí se projeta o vulto sereno, bravo, forte, tocado por uma fé que removia montanhas e obstáculos, que desarmava adversários, que fazia ruírem as muralhas do ódio e estancarem as torrentes do sangue, diante das trombetas e das clarinadas anunciadoras da liberdade, da concórdia e da paz que José Augusto encarnava.

Dinarte Mariz foi sempre o companheiro e primo dileto e amado de José Augusto. Ambos bravos e serenos, solidários e servidores, generosos e amigos dos jovens, da mocidade que neles permanecia eterna mesmo na morte, que foi o coroamento de existências octogenárias devotadas à terra e ao povo. Para Dinarte Mariz, José Augusto não foi apenas um líder a mais: foi, isto sim, "O Líder", o que significa dizer, o maior, o melhor, o único, no seu tempo e nas gerações que o antecederam e sucederam, enchendo toda a metade de um século, todo o tempo de seu tempo e dos tempos que o recordam, como é este tempo de agora.

Alunos e discípulos de José Augusto foram ainda Café Filho (posteriormente seu ferrenho adversário), Ferreira de Souza, Gentil Ferreira, Luiz Antônio dos Santos Lima, Djalma Marinho, Dioclécio Duarte, Nilo Pereira, Adauto Câmara, Renato Dantas, e dois que o sobrevivem, Câmara Cascudo e Aluízio Alves, aquele a maior celebração do Estado, inteligência e sabedoria ilustrando a antropologia cultural brasileira e o folclore internacional, e este, Aluizio Alves, um talento político que reviveu no Estado as campanhas populares de José da Penha e José Augusto, e ainda em vida já deixa uma esperançosa e brilhante descendência política familiar.

O Sr. Jorge Kalume — Permite V. Exª um aparte?

O SR. MOACYR DUARTE — Ouço, com muita honra, o aparte do eminente Senador Jorge Kalume.

O Sr. Jorge Kalume — Associo-me em nome do povo acreano a essa justa homenagem que V. Exª está prestando a essa grande figura que foi José Augusto. Esse político soube exercitar a política dentro dos princípios da moral e da razão, como disse Rui Barbosa. Foi um político que passou a História fazendo história, engrandecendo o Rio Grande Norte, seu Estado natal e, conseqüentemente, o Brasil e a classe política. Congratulo-me com V. Exª por essa feliz oportunidade de reverenciar a memória desse grande paladino da política brasileira, que foi José Augusto.

O SR. MOACYR DUARTE — Muito obrigado pela intervenção, sempre oportuna, eminente Senador Jorge Kalume. V. Exª tem razão quando diz que José Augusto fez do *slogan* de sua vida pública aquele pensamento filosófico de Comte, quando disse que a política é filha da moral e da razão. E fez também de sua vida pública um itinerário retilínio porque em seu discurso histórico, no último dia do exercício e do desempenho do seu mandato parlamentar de Deputado, recebendo uma homenagem da Câmara dos Deputados, que se postou de pé, por um período de quase 10 minutos, aclamando o velho parlamentar que se despedia da vida pública, José Augusto proclamava cheio de emoção: "Despeço-me dos meus companheiros de Parlamento com os olhos sangrando uma lágrima dorida de saudade desta Casa, mas compensado pelo fato de em toda a minha existência política, tendo sido Senador da República, Governador de Estado, Deputado Federal em cinco sucessivas Legislaturas, tendo pertencido ao Poder Judiciário, vestido a toga de Juiz de Direito, eu, José Augusto Bezerra de Medeiros, levo para o recesso do meu lar o grande e intransferível galardão que representa o maior orgulho de minha vida pública e parlamentar, que é o de jamais ter cometido uma violência e não ter manchado as minhas mãos com o azinhavre dos dinheiros públicos".

Este foi José Augusto.

O Sr. Lourival Baptista — Permite V. Exª um aparte?

O SR. MOACYR DUARTE — Ouço, com prazer, o aparte do eminente Senador Lourival Baptista.

O Sr. Lourival Baptista — Senador Moacyr Duarte, estou ouvindo V. Exª com a máxima atenção e, agora, ao responder o aparte do eminente Senador Jorge Kalume, V. Exª fez com que eu, também, viesse aparteá-lo. Quero dizer que assisti a despedida de José Augusto da Câmara dos Deputados, ainda no Rio de Janeiro. Fui um daqueles que ouviram aquelas palavras de despedida aos seus colegas. Aquele homem, que exerceu, podemos dizer, quase todos os cargos na sua vida pública, tinha o respeito de todos nós porque foi um político, como disse V. Exª, que não perseguiu ninguém e que teve sempre as mãos

FARN

limpas. Ele era um orgulho para a classe política. Todos nós, mesmo depois dele não exercer mais cargo político, não tendo retornado à Câmara dos Deputados, quando o encontrávamos tínhamos por ele a maior consideração. O Rio Grande do Norte deve se orgulhar de filhos que teve, como José Augusto, como Dinarte Mariz, como Ferreira de Souza, com quem também muito convivi no Rio de Janeiro, quando lá éramos Deputado Federal.

Associo-me às homenagens que V. Exª, nesta tarde, presta àquele extraordinário homem público, àquele digno filho do Rio Grande do Norte, que deve ser um exemplo para todos os políticos. Parabéns a V. Exª eminente Senador Moacyr Duarte.

O SR. MOACYR DUARTE — O aparte do nobre Senador Lourival Baptista tem o peso e o valor do depoimento de um homem público e de um parlamentar que conviveu e foi contemporâneo de José Augusto Bezerra de Medeiros. Efetivamente, aquela figura respeitável e austera, aquela personalidade verdadeiramente invulgar, além de irradiar uma aura de simpatia, inspirava, sobretudo, uma grande respeitabilidade pela postura erecta que sempre manteve como cidadão e como parlamentar.

José Augusto Bezerra de Medeiros foi um exemplo para os seus contemporâneos e continuará a se-lo, no curso da História, no correr dos anos, para as gerações atuais e para as gerações que sucederem as de hoje.

Senhores Senadores, a longa, fecunda, dominadora e fulgurante vida de José augusto não cabe num livro. Sua atuação parlamentar, por si só, transborda das margens de um discurso ou conferência. O Rio Grande do Norte, através da Fundação José Augusto, instituição cultural, comemora durante trinta dias o centenário de seu nascimento com palestras edificantes sobre os múltiplos aspetos de sua vida polivalente e pletórica.

Neste instante, cabe-me, pela força misteriosa e imperscrutável do destino, tornar público um livro que não é meu, mas que endosso com toda a admiração, respeito e fervor de um homem que já está encanecido nas lides políticas estaduais e que se considera um eterno aprendiz, um modesto e deslumbrado aluno das lições magníficas de amor à liberdade e à democracia, sobretudo do culto ao Parlamento, que José Augusto ministrou em vida e continua a ensinar-nos com sua memória, suas obras e sua história.

Senhores Senadores, em nome do Senador Dinarte Mariz, presente nesta Casa e nesta hora, na saudade e no espírito que vibram nestas páginas, divulgo o livro que é, como ele diz na apresentação, "um pedaço vivo de tempo e memória".

José Augusto e Dinarte trouxeram no sangue e na alma, no fator Rh e na substância invisível, aquele sinal da juventude eterna, que é a marca do anjo como a chamou Rilke e que Henry Miller eternizou nos seus trópicos. José Augusto e Dinarte nasceram jovens e morreram jovens, pela eterna juventude

do espírito e do coração. Tristão de Athayde dizia em seu livro "Meio Século de Presença Literária" que

> "tanto é certo que há modernos que já nasceram velhos, e centenários que são sempre novos".

Este conceito parece ter sido modelado nas vidas de José Augusto e Dinarte Mariz.

Eles viveram mais de meio século de política intensa, juntos durante mais da metade da jornada, sem descanso, sem deserções, sem fugas, sem capitulações. Lembro Afonso Arinos, citado por Dinarte Mariz, neste livro, relembrando José Augusto: —

> "Temos diante de nós um homem que atravessou 40 anos de vida política, como Moisés atravessou o Mar Vermelho, sem se molhar nas vagas de lama da corrupção. Temos diante de nós um homem que sai desta Casa tão pobre como aqui entrou. E mais do que isso, Senhor Presidente, é com orgulho que o digo, e é com alegria que o proclamo, e é com desvanecimento que o reconheço, é um homem que saiu desta Casa, aos 70 anos, mais jovem de espírito e mais confiante no futuro do que quando aqui entrou."

Senhores Senadores, este livro é um esboço biográfico de uma vida exemplar e de uma existência histórica, escrito por um homem que também foi história, e é como se dois personagens do nosso Olimpo político estivessem a travar um diálogo de trovões e de relâmpagos. É o retrato de uma vida, de uma luta, de uma vida de lutas, a serviço do povo, do ideal e da justiça, luta que torna o homem imortal, e que mesmo que não colha vitórias, a vitória maior está em haver pelejado o sagrado combate. E os dois atravessaram o Mar Vermelho da política e saíram limpos e amados do seu povo, sem respingos de lama nas vestes e nas almas e sem azinhavre nem manchas nas mãos.

Por último, deixo a lição de Camus:

> "O homem é perecível. Talvez. Mas pereçamos, ao menos, resistindo, e se for o Nada que nos está reservado, mostremos que isso é injusto."

Tenho dito. *(Muito bem! Palmas.)*

O SR. MOACYR DUARTE (PDS — RN. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

A Fundação Joaquim Nabuco, do Recife, por seu Grão-Mestre Gilberto Freyre, esteve em Natal para entregar a Medalha Massangana, outorgada por aquela egrégia entidade ao mestre Luís da Câmara Cascudo, como homenagem do seu reconhecimento aos assinalados e relevantes serviços prestados à cultura, ao jornalismo, à antropologia, à sociologia, à etnologia, à história, ao folclore e aos valores eternos e fundamentais do povo brasileiro como nação e como civilização.

A presença de Gilberto Freyre, um dos deuses do nosso Panteão, ao lado de Câmara Cascudo, outro olimpiano da mesma linhagem e heráldica, no vetuso e assobradado casarão da Junqueira Ayres, de cujas varandas anciãs se descortina o Potengy lendário e as dunas misteriosas e alvacentas da Redinha, e de onde o mestre focaliza a velha Ribeira, as Rocas dos pescadores e bambelôs, o Canto do Mangue das lapinhas e folguedos — constitui um episódio marcante dna cultura brasileira e nordestina.

É quase impossível descrever o encontro desses dois talentos, escritores geniais que esgotaram o campo do possível na pesquisa e na história, e ajudados pela imaginação criadora e comparativa recriaram um universo real e arquitetaram um mundo mágico, para descrever, reviver, ilustrar e encantar a vida do seu povo e de sua terra.

O instante histórico, eternizado no encontro afetivo e luminoso e na honraria enobrecedora, foi descrito com inexcedível erudição e beleza na fulgurante oração proferida por Odilon Ribeiro Coutinho, inteligência vibrátil, cultura humanística e sensibilidade artística a serviço do Nordeste. Sua oração foi uma ponte tabajara erigida entre os feudos da Mauricéia e as plagas da Potilândia, para o abraço dos dois titãs.

A obra monumental de Cascudo, rio caudaloso com mais de 100 afluentes, avança pelas cidades e pelos mares, atravessa os oceanos e continentes, e se espraia e banha toda a terra, levando a mensagem telúrica, humana e confraternal dos povos, na sua ascensão do primitivismo tribal, associacional e gregário, até as novas tecnologias e costumes decorrentes dos estilos de

comportamento e convivência ditados pelo viver comunitário, nos alienados conglomerados habitacionais dos tempos hodiernos.

O crítico literário potiguar, renomado escritor e professor, Américo de Oliveira Costa, infatigável ledor e analista das letras, da escola de Taine e Sainte-Beuve, pescador de pérolas literárias e habitante das bibliotecas, com usucapião vitalício, navegador de longo curso no oceano das letras, empreendeu uma circunavegação fantástica que denominou de "Viagem ao Universo de Câmara Cascudo", e com olhos de piloto experiente viu todos os portos e enseadas, os abismos e maremotos, os icebergs e geleiras, enfim as cartas geográficas do universo cascudiano. Cascudo tudo viu e recordou tudo. Cabe-lhe como uma luva a frase de Sainte-Beuve: — "O seu coração navegou sempre nas lembranças".

Para Américo de Oliveira Costa:

> "A obra cascudiana não é uma ilha; é um arquipélago, pela multiplicidade dos territórios que a integram. Nela há o historiador, o etnógrafo, o folclorista, o antropólogo, o sociólogo, o ensaísta, o jornalista, o tradutor-comentador, o memorialista e cronista, um indigitado e insólito romancista de costumes...animais."

No julgamento do escritor e estilista Edgar Barbosa:

> "Cascudo é o historiador, etnógrafo, professor dos maiores que possuímos, e seu périplo continua, depois de quarenta anos de circunavegação incansável, voltado para a terra do Rio Grande do Norte. Aqui está seu promontório de Sagres, sua grande escola e sua nobre vida de bom gigante."

Ele é o memorialista ímpar, de verve repassada de humor e de pitoresco, catando as pedras do deslumbramento nos rios da infância, em páginas de doce leitura, nos livros "O tempo e Eu", "A voz de Nessus", "Histórias que o Tempo Leva" e nas "Acta Diurna", coletânea de artigos escritos no jornal **A República,** o mais tradicional periódico natalense.

O Sr. Aloysio Chaves — V. Exª permite um aparte?

O SR. MOACYR DUARTE — Com muita honra ouço o eminente Líder Aloysio Chaves.

O Sr. Aloysio Chaves — Nobre Senador Moacyr Duarte, V. Exª profere no Senado mais um primoroso discurso. Hoje, para exaltar a homenagem tributada a Luís da Câmara Cascudo, com a entrega da Medalha Massangana. Luís da Câmara Cascudo, a quem conheço pessoalmente, levou o estudo dos temas do folclore no Brasil a um nível excepcional, dando-lhe dignidade intelectual que marcou época no cenário cultural brasileiro. Mas é, como acentua V. Exª, um grande humanista, um emérito historiador, um escritor primoroso. Discorre, com elegância, sobre os temas os mais diversos, mas, ao mesmo tempo, alia à singeleza do seu estilo um sentido quase telúrico, como

homem do Nordeste. Com ele convivi, algumas vezes, no Rio Grande do Norte, terra a que me ligam laços tão profundos, como sabe V. Exª E guardei, sempre, desses encontros eventuais com Luís da Câmara Cascudo, uma lembrança imorredoura. Não posso, portanto, como Senador pelo Pará, filho de rio-grandense-do-norte, não posso, como Líder da minha Bancada nesta Casa, deixar de adicionar ao brilhante discurso de V. Exª estas palavras, para exaltar, também, a homenagem merecida que está prestando a esse ínclito brasileiro, grande historiador e eminente intelectual que é Luís da Câmara Cascudo.

O SR. MOACYR DUARTE — Agradeço a intervenção de V. Exª, nobre Senador Aloysio Chaves, que emoldura o meu discurso, sobretudo num aparte de um rio-grandense-do-norte de coração, porquanto, se não nasceu naquela terra, tem, por suas origens, raízes profundas fincadas na província potiguar. O aparte de V. Exª e o seu testemunho, com relação ao mestre Luís da Câmara Cascudo, fazem justiça a um grande brasileiro, a um eminente norte-rio-grandense e a um dos maiores intelectuais vivos que enriquecem a cultura brasileira.

O Sr. Humberto Lucena — Permite V. Exª um aparte, nobre Senador Moacyr Duarte?

O SR. MOACYR DUARTE — Honra-me o aparte do eminente Líder Humberto Lucena.

O Sr. Humberto Lucena — Ouço com vivo interesse o discurso de V. Exª, que faz justiça a um grande nome da cultura nordestina e, por que não dizer, brasileira, tal o valor que todos nós lhe reconhecemos. A sua obra, como bem acentuou o nobre Líder Aloysio Chaves, tem um sentido profundamente telúrico. Homem voltado, por inteiro, em seus estudos, para as coisas e os homens da nossa sofrida região nordestina, com um manancial magnífico sobre o nosso folclore, Luís da Câmara Cascudo é, sem dúvida alguma, uma das personalidades mais fulgurantes da cultura brasileira. No momento em que ele recebe essa condecoração, a que se refere V. Exª, realmente o Senado Federal deveria prestar-lhe esta homenagem a que eu me solidarizo não só como Líder do PMDB, nesta Casa, mas, sobretudo, como paraibano, como nordestino e como brasileiro.

O SR. MOACYR DUARTE — Muito obrigado, nobre Senador Humberto Lucena. Quero apenas dizer que a vizinhança dos Estados que nos serviram de berço nos faz irmãos pelo sofrimento e pelas vicissitudes. O depoimento de V. Exª, nobre Senador Humberto Lucena, honra e certamente, distingue o intelectual que estou hoje homenageando, sobretudo pela força telúrica que as suas palavras encerram.

Descrevendo sua infância, diz Câmara Cascudo:

— "Nasci na rua Senador José Bonifácio, que ninguém sabia, em Natal, quem era. Toda a gente dizia rua das Virgens, no bairro da Ribeira. Sou, pois,

canguleiro. Nasci numa sexta-feira, dia de São Sabino, 30 de dezembro de 1898, às 5,30 da tarde. Meu primeiro banho foi de água morna numa bacia de ágata. Água temperada com vinho do Porto, para eu ficar forte e um patacão de prata, do Império, para não faltar dinheiro. A vida ensinou-me que esses votos eram supersticiosos mas bem intencionados".

Evocando o menino que foi, pendulando entre os dois extremos da educação caseira, desde a clausura doméstica até a fuga e a dissipação na vadiagem e na boemia, ele declara: — "Fui menino magro, pálido, enfermiço. Cercado de dietas e restrições alimentares. Proibiram-me movimentação na lúdica infantil. Não corria. Não saltava. Não brigava. Nunca pisei areia nem andei descalço. Jamais subi a uma árvore. Cuidado com fruta quente, cuidado com sereno, cuidado com vento encanado. Brincava com meninas. Um quarto cheio de brinquedos para exercício sedentário, tudo rodando no solo ou em cima de uma mesa de mármore, que ainda possuo. Com o pavor de que os colegas me pusessem a perder, como depois puseram, minha mãe fez-me estudar no "Externato Sagrado Coração de Jesus", das Irmãs Andrade, Guilhermina e Maria Emília. Externato exclusivamente feminino. Eu era o único varão sobre a terra da salinha quente, paredes ornadas de estampas piedosas e feias".

Depois veio uma fase da vida interior, descrita assim, em "Vaqueiros e Cantadores": — "Vivi nesse meio. E deliciosamente. Cortei macambira e xique-xique para o gado nas secas. Banhei-me nos córregos do inverno. Esperei a cabeça do rio nas enchentes. Desengalhei tarrafas nas pescarias dos poços. Dei "lanços" nos açudes. Lacei mocós e preás nos serrotes. Subi nas "esperas" das emas nos juazeiros. Persegui tatus de noite, com fachos e cachorros amestrados. Matei ribação a pau e colhi-as nas aratacas. Ouvi o canto ululado da "mãe da lua", invisível nas oiticicas".

Em seguida, a volta à capital e à "moléstia livresca", doença da qual não se curaria jamais, comprando livros em todos os lugares e idiomas, tarefa executada pelo pai que estimulava e antevia a carreira literária do filho. Cursou medicina na Bahia, que não concluiu, e se formou em direito, no Recife, em dezembro de 1928.

"Provinciano incurável", no dizer de Afrânio Peixoto, viveu sempre nos hectares potiguares, renunciando a todas as múltiplas e irrecusáveis sugestões, circunstâncias e solicitações de centros maiores, a todas as seduções das megalópoles, a todos os encantos da metrópole grande.

Convidado para Reitor da Universidade de Brasília, pelo Presidente Juscelino Kubitschek, declinou do convite. Recusou também uma cadeira no Senado, que lhe fora acenada pelo Presidente Getúlio Vargas. Quem poderá explicar essa fidelidade cósmica do homem e do escritor ao seu burgo originário, à sua cidadela sentimental e nativa? À entrada da porta de sua

FARN

mansão estão afixados, há decênios, azulejos com essa inscrição latina: — *"Inveni portum. Spes et fortuna, valete. Sat me lusist. Ludite nunc alios."* Traduzindo: — "Encontrei o porto. Esperanças e fortuna, adeus. Muito me iludistes. Ide iludir a outros, agora".

Fez viagens ao exterior, sobretudo África e Portugal. Excursões temporárias, pois a saudade o mergulhava, em breve lapso de tempo na mais profunda nostalgia, melancolia ou banzo. Natal sempre foi a sua Passárgada total, onde é amigo do rei, dos vaqueiros, caçadores, macumbeiros, pescadores, seresteiros, boêmios, prostitutas, gente do povo, almas simples e deserdadas, marginalizados do saber, da vida e da fortuna.

No livro "Literatura Oral" está condensado o seu destino: ensinar e escrever. Aprendeu no interior a fala desataviada do povo, a língua do povo, as crendices do povo, a ficção do povo, o real e o imaginário das multidões, povoado de assombrações e histórias fantásticas, do mais puro realismo mágico. O livro "Canto de Muro" é um maravilhoso fabulário que faz até os bichos e as pedras falarem a linguagem universal da concórdia e da criação. "Anúbis" é mitologia e folclore redivivos. "Meléagro" é o encantamento da magia branca no Brasil. "Jangadeiros" é o cheiro de peixe no Canto do Mangue, cais transformado em saudade de pedra, à hora crepuscular, e é a bravura do homem se reencontrando com o amor da mulher, após cada dia de abismo e de sonho, nas cristas das ondas traiçoeiras; "Dicionário do Folclore Brasileiro" é obra de uma plêiade e de uma geração, feita por um mágico solitário. "História da Alimentação no Brasil" é obra suculenta e alentada, rica de seiva, raízes, minerais e ensinamentos, espécie de bíblia alimentar de um povo e guia dos pobres na luta pela sobrevivência, procurando arrancar o máximo de energia e vitalidade do mínimo dos bens da natureza que estão ao alcance de suas mãos. No campo da história temos a "História da Cidade do Natal", "Os Holandeses no Rio Grande do Norte", a "História do Rio Grande do Norte", e a "História da República no Rio Grande do Norte", a "História do Poder Legislativo no Rio Grande do Norte", obra esta escrita por solicitação nossa, quando exercíamos a Presidência do Legislativo potiguar.

Luís da Câmara Cascudo é uma glória viva do Rio Grande do Norte e uma legenda do Nordeste. A Medalha Massangana, da Fundação Joaquim Nabuco, do Recife, outorgada pessoalmente pelo seu presidente Gilberto Freyre, é uma consagração nacional, pois Cascudo é um patrimônio do Brasil, e os assuntos que escreve refletem a alma do povo brasileiro, que nele se vê identificado, em todos os pontos cardeais, pela conterraneidade do espírito e da origem, do passado e do futuro.

Aí está Luís da Câmara Cascudo, aos 86 anos, em plena e fecunda atividade criadora, rebuscando o passado, vivendo o presente, projetando o futuro, sempre em busca da verdade histórica, da verdade vivida, da verdade popular, da verdade dos sonhos, da verdade, pois ele acredita como Gabriel

Garcia Marquez, em "Outono do Patriarca", que "Sempre há outra verdade atrás da verdade".

Proponho ao Senado um voto de louvor ao escritor Luís Câmara Cascudo pela láurea recebida e à Fundação Joaquim Nabuco pela láurea outorgada, e que se manifeste o respeito e a admiração do Senado da República a esse gigante da república das letras, pelos inestimáveis serviços prestados à cultura de nosso país. Requeiro a transcrição nos anais desta Casa do discurso anexo, do intelectual Odilon Ribeiro Coutinho, proferido na solenidade de entrega da comenda.

Eis, Senhor Presidente e Senhores Senadores, a vôo de pássaro, em ligeiras pinceladas, a biografia do mestre Luís da Câmara Cascudo a quem rendo, neste instante, em meu nome próprio também, as minhas homenagens.

Tenho dito. *(Muito bem! Palmas.)*

DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. MOACYR DUARTE EM SEU DISCURSO:

Domingo, no sobradão da Junqueira Aires, mestre Luís da Câmara Cascudo recebeu mais uma homenagem: a Medalha Massangana, da Fundação Joaquim Nabuco. Entregue pelo sociólogo Gilberto Freyre. Na oportunidade, foi saudado por Odilon Ribeiro Coutinho, com um discurso que já pertence à melhor antologia do Nordeste, precioso ensaio sobre a admirável obra cascudiana. Pela importância do homenageado, pela grandeza do discurso de saudação, o Caderno de Domingo desta *Tribuna do Norte* publica, na íntegra, a bela página escrita por Odilon.

"Meu caro Luís da Câmara Cascudo:

Aqui está o grão-mestre da Fundação Joaquim Nabuco — o sociólogo-antropológo Gilberto Freyre — para lhe entregar, como presidente do Conselho Diretor dessa instituição, a Medalha Massangana, com que se assinalam serviços de particular relevo prestados à cultura deste País. Do momento presente, vivido no ambiente tão monástico deste casarão, bem se poderia dizer que é um momento olímpico. Gilberto e Cascudo são duas figuras que realizaram, dentro da rotina, do rigor ático de suas pesquisas e estudos, uma bela, uma luminosa aventura do poder criador. Pesquisas e estudos conduzidos corajosamente no sentido de desvendar os impulsos do caráter nacional, impulsos muitos deles que estavam escondidos sob espessa camada de preconceitos ou desdenhados pelos conceitos oficiais. Todo o trabalho épico que esses dois talentos singulares realizaram — orientou-se por uma preocupação obstinada de esgotar todas as fontes, vasculhar todos os desvãos de nosso passado, esquadrinhar as manchas de sombra de que a vida brasileira estava tão salpicada. E através desse esforço, desenvolvido sob critério cientificamente lógico, com alguns toques cartesianos, chegaram os dois a

FARN

resultados tão surpreendentes que se tira logo a conclusão de que nem sempre os caminhos da chamada razão são os que levam à verdade. É preciso que a inteligência seja tão disponível que capte o mistério das coisas e o sentido profundo da vida. Vida que não se submete a teoremas, nem a rígidos roteiros balizados pela razão falha do homem.

A imaginação que arrima o desenvolvimento das ciências humanas, a intuição que desencadeia o poder criador, é que permitem penetrar nos grandes segredos da alma dos povos, mergulhar nos abismos e iluminações do coração do homem e adivinhar a semente da aurora que começa a romper a escuridão da cegueira geral. A doação que Gilberto Freyre e Luís da Câmara Cascudo fizeram a este país pode ser medida por essa escala de valores. E, por isso, o seu encontro nesta velha ladeira natalense tem uma significação olímpica. Estamos diante de dois homens que continuam nutrir a vida do Brasil, com a força de suas vidas. Daí a emoção que nos envolve a todos, ao assistirmos a entrega, por Gilberto Freyre, da Medalha Massangana a Câmara Cascudo, num ato que significa o reconhecimento da grandeza de um pela grandeza de outro".

Paralelismo

"Esse fato arrasta-nos à tentação de ver suas vidas, vidas paralelas. Há, nos dois, a mesma devoção quase fanática à vida intelectual; a alegria de realizar a sua vocação; o afinco quase místico com que se lançam ao trabalho disciplinado; o gosto um tanto monástico de um certo estilo de vida; o amor à província e o apego ao ambiente nativo. Sem deixar de enfatizar a fixação, comum a ambos nas ciências do homem. Um sociólogo, antropólogo, filósofo social, historiador social; o outro, etnógrafo, folclorista, historiador. Todos os dois dedicaram-se à restauração de valores culturais desdenhados ou até mesmo alvo de zombarias e chacotas. A cozinha, os utensílios domésticos e de trabalho, as lendas, os costumes religiosos, as crendices, a medicina popular, os folguedos tradicionais, as danças, os cantos, o folclore, as superstições, os mitos, a ecologia.

Desde o seu regresso ao Brasil, em 1923, depois de alguns anos de ausência inteiriça, que Gilberto Freyre começou a travar a luta em defesa de nossa cozinha, arquitetura tradicional, paisagem (os velhos sítios de subúrbio eram um valor a ser preservado), as formas populares de religiosidade, as danças, as manifestações espontâneas de arte. Meia dúzia de anos depois do lançamento de "Casa-Grande & Senzala", o sociólogo pernambucano publica "Açúcar", livro de receitas de doces dos engenhos do Nordeste. Para exorcizar os espíritos zombeteiros, ele pôs como epígrafe no livro, a dedicatória, de Domingos Rodrigues — autor de "Arte de Cozinha", publicado em 1642, ao Conde de Vimioso: "He o livro ocasionado aos mordazes pela matéria & pelo estylo; mas hua & outra cousa será de todos respeytada sendo como o ilustre nome de V. S. deffendido". Dentro dessa mesma linha de defesa de nossa cozinha, Câmara Cascudo escreveu " A Cozinha Africana no Brasil" e "História da Alimentação

no Brasil". Há artigos dos dois escritores sobre comidas da tradição brasileira que vale a pena referir, como, por exemplo, o de Gilberto intitulado "O Pirão, Glória do Brasil"; e o capítulo do livro de Cascudo dedicado à África: "Farofa, Farófia". Depois de transcrever Nabuco ("Há sentimento, tradição, culto de família, religião, no prato doméstico, na fruta ou no vinho do país"), o autor de "Nordeste" se abrasa: "Divino pirão! Nunca no Brasil se pintou um quadro nem se escreveu um poema nem se plasmou uma estátua nem se compôs uma sinfonia que igualasse em sugestões de beleza a um prato de pirão". Já o etnógrafo de "Made in África" discorre sobre a farofa com requintes de erudição para indagar no final: "E os nossos indígenas usavam da farofa? A mistura preferida para eles com a farinha de mandioca era o caldo quente do alimento cozido, dando o *mingau, minipirô, ipirum,* o pirão escaldado." Mas, antes Cascudo havia ensinado uma receita de *Farófia Angolana.*

Cidade interior

"Onde diabo é que Luís da Câmara Cascudo foi buscar essa erudição toda que ele derrama copiosamente pelos livros sem número que escreve? Este *chalet* da rua Junqueira Aires guarda o ar íntimo, aconchegado, contemplativo de um mosteiro. As horas aqui parecem sabiamente divididas como num claustro medieval."Ora et labora", como quer a regra de São Bento. Reinam, por toda esta casa, a paz, o trabalho, a meditação, o amor. Não foi por acaso que mestre Câmara Cascudo escolheu a sua morada na ladeira que junta os canguleiros e os xarias. Parece uma predestinação. Tendo reunido os vários tempos da história de seu povo, cabia a ele unir as várias fatias sociais de sua gente. O destino quis que Luís da Câmara Cascudo fosse o ponto de encontro da cidade, o centro de gravidade cívica de Natal. Rodeado de dezenas de milhares de livros, ouvindo na calada do estudo as palpitações do burgo inquieto e o rumor de búzio que vem das Rocas, o mestre vai construindo a sua outra Cidade — a Cidade interior — de que a sua obra é uma espécie de Baedeker. Os livros foram os seus companheiros da vida inteira. Deste cedo, começa a mandar buscá-los aonde eles aparecessem. Cascudo dá a impressão de tão apegado à província, que preferiu, para dela não se desgarrar, trazer as viagens para dentro de casa. De tal modo que se tornou uma espécie de Ulisses moderno. Viaja por muito longe, viaja pelos longes do tempo, sem sair de sua ladeira. Uma longa, interminável viagem à volta dos seus livros. E reuniu todos os *souvenirs,* todos os salvados de viagem, nos cômodos do casarão da Junqueira Aires. Esse admirável humanista que é Américo de Oliveira Costa, descreveu em livro excelente sobre o historiador, o ambiente de capitão retirado — herói conradiano — em que Luís da Câmara Cascudo vive. Vale a pena mencionar esse trecho a respeito de seu gabinete de estudo e laboratório: Estranho e fabuloso gabinete, cheio de imagens antigas, totens, amuletos, efígies, bichos empalhados, coisas de madeira de Chico Santeiro, coisas de barro de mestre Vitalino de Caruaru, vaqueiros, rendeiras, cangaceiros, bonecos-gente do povo,

animais, retratos, máscaras, diplomas, condecorações, instrumentos bárbaros, facas lavradas, desenhos, flâmulas, moedas, panos pintados, estatuetas africanas, bronze, asiáticos, ídolos bizarros, objetos de índios, fósseis milenares, — e livros, livros, um mar, uma terra, um mundo de matéria impressa, o "seu" mundo, o único para que foi efetivamente criado..."

Até nisso, o *chalet* de Cascudo se parece com o solar de Apipucos — a residência de Gilberto Freyre. Há um pouco de contacto entre o potiguar e o pernambucano: o gosto do mar. No seu 2º Guia Sentimental, este último diz de Olinda que é uma das cidades "mais talássicas do Brasil". Ao lado da cidade do Natal. O Natal parece moça dengosa que enlanguesce nos braços do mar. Cada onda é um afago. O mar beija a cidade na boca do Potengi. Todo o burgo se volta para o oceano. O casario escancara as suas janelas para receber o hálito do mar na brisa da manhã. Petrópolis e Mãe Luiza flertam com as águas. Foi sempre assim. Desde os dias em que o pirata metia-se de rio adentro até o remanso em que a sua nau abicava: Luís da Câmara Cascudo tem alma marinheira, curtida de sal e sol. Por isso compreende tão bem o seu burgo. Em livro pouco divulgado — "Prelúdio e fuga do real" — livro em que o denso humanismo do escritor esplende em brilhos perdulários — Cascudo faz variações cromáticas em torno da luz do mar. "Rubro pela manhã. Verde-garrafa ao meio-dia. Azul-cobalto à tarde. Ouro e cinza ao anoitecer". Olhando para os arrecifes, ele devaneia: "Essa orla de rochedos não constituirá uma ruína sobrevivente da Atlântica?" No capítulo do "Prelúdio" em que a fantasia do etnógrafo acende-se em visões oníricas, Oannés, figura mitológica da Caldeia, surge diante de Cascudo, para com ele travar o seguinte diálogo:

— Mestre Oannés, o Mar não tem História...

— Mas criou a Vila de que o Homem é resumo, professor.

Criou e conserva o surpreendente documentário de assombros".

Natalense

Como todo natalense, Luís da Câmara Cascudo sente o misterioso impulso de misturar-se às águas, de dissolver-se panteisticamente no mar, fonte primária da vida. Não é ele quem conta que o seu posto de observação do mundo era o sótão da casa da rua do Comércio que dava os fundos para o rio? "Meu pouso e miradouro era no sótão. Ali passava as horas, olhando o rio, com as pernas agarradas pela ama". Hoje, o escritor vê as lâminas de prata do rio através das mangueiras que enchem a paisagem vista das janelas de seu *chalet*.

Embora viajando à volta de seus livros, o espírito do jangadeiro Luís da Câmara Cascudo permanece atento aos mistérios que vêm do mar para envolver amorosamente a sua cidade. Tão atento quanto o Alvissareiro da Terra da Matriz, que ele evoca de modo tão sentimental na "História da cidade do Natal". "Ficava ele, diz o escritor, olhando a cidade, morros, praias, rio e mar... Todas as alegrias de embarcar ou chegar, tristezas de partida, vinda de

cargas para enriquecer os ricos, noivos, soldados, companheiros de teatro, todos os temas, assuntos e teses para a Cidade eram vistos em primeiro lugar pelos olhos humildes do Alvissareiro" — No fim da evocação, uma grande melancolia inunda o coração do historiador: "Apenas, solidário com a grande alma coletiva da cidade, o Alvissareiro olha o Mar e conta a história dele, aos que não o podem ver, no tempo..." Somente que no Alvissareiro que conta a história do Mar, no Tempo; no Alvissareiro que olha das janelas de sua casa, ancorada na ladeira da Junqueira Aires como uma nau, o arfar do casario e o movimento das águas, todos reconhecemos o Patriarca de nossa cultura. Estamos diante de um homem que não apenas se situou na sua terra de modo inarredável, mas que carrega a sua cidade na sua obra e na sua vida..

Discurso pronunciado

na sessão do dia 19-10-1984, do Senado Federal

José Augusto Bezerra de Medeiros

SENADO FEDERAL
CENTRO GRÁFICO